

A IDENTIDADE SEXUAL E AS MANIFESTAÇÕES DA DIVERSIDADE NO ÂMBITO ESCOLAR

Jonathan Amorim Peres (CESUMAR)

Priscila da Rocha Luiz Bueno (PPG-UEM)

Eliane Rose Maio (PPG-UEM)

RESUMO

A multiculturalidade é um dos temas que ocupa cada vez mais destaque nas discussões de uma sociedade, como a brasileira, constituída e estruturada pela diversidade, dentre elas as questões de gênero, de identidade e da diversidade sexual. A promoção da cultura do reconhecimento da diversidade sexual, das questões de gênero e da identidade deve ser vista como um direito e não como uma concessão a uma única classe social. Este estudo se dá no intuito de expor os aspectos e as variações que compõem o gênero, desde a sua formação até a construção da identidade, assim como também as suas manifestações no âmbito escolar. Surgem aqui vários questionamentos de como os significados de gênero e de identidade foram se tornando a marca discrepante de muitos indivíduos em nossa sociedade, tendo em vista que muitos dos seus desejos e necessidades enquanto ser individual se encontra em discordância da aparência que possui o seu corpo. No que diz respeito ao âmbito escolar, a diversidade de gênero necessita de um olhar atento, pois o papel que a escola desempenha interfere diretamente na construção das identidades já que, como parte de uma sociedade discriminadora, é capaz de produzir e reproduzir desigualdades de gênero e de identidade. A escola como agente promotor do conhecimento possibilita a construção da igualdade, aonde homens e mulheres tenham a liberdade de exprimir em si aquilo que muitas vezes o invólucro não consegue.

Realização:



Apoio:



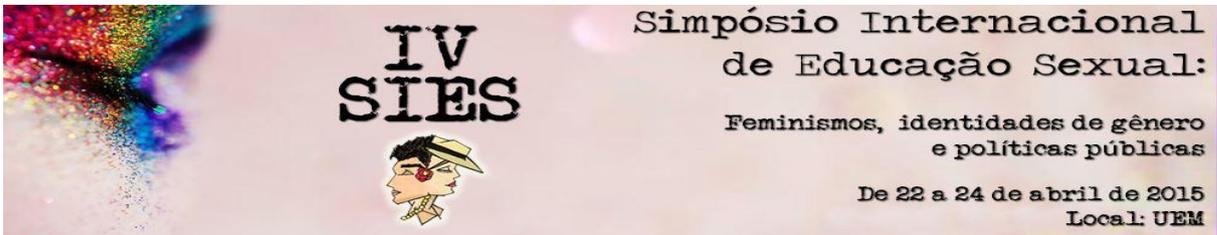
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



Palavras-chave: Sexualidade; Gênero; Identidade; Educação; Escola.

INTRODUÇÃO

A multiculturalidade é um dos temas que ocupa cada vez mais destaque nas discussões de uma sociedade, como a brasileira, constituída e estruturada pela diversidade, em que as diferenças são, com freqüência, produzidas e reproduzidas no curso das relações assimétricas. Nesse sentido, a promoção da cultura do reconhecimento da pluralidade pode representar mais do que um irrenunciável compromisso de ordem ética e moral. Com efeito, ao nos conscientizarmos de que a diversidade nos caracteriza como sociedade e como indivíduos, somos impelidos a procurar novas formas de configurar um fator de enriquecimento e de desestabilização das relações de domínio e poder (JUNQUEIRA, 2007a).

O desenvolver da sexualidade humana precisa ser compreendido além do que é concebido por biologicamente natural, acrescentando também uma percepção que enfoque a influencia vinda das condições de convívio social e a cultura a qual o indivíduo pertence. Os formatos que definem grupo familiar, as maneiras de expressão sexual, o que é ou não “permitido” ao indivíduo ao tratar de sexualidade, normalmente fica proposto em seu meio social, meio este onde também são construídas as identidades de gênero de cada indivíduo (LOURO, 1997).

Para Carloto (2011), a determinação das ações que devem compor os gêneros masculino e feminino, ou seja, o comportamento esperado do homem e da mulher é exposto durante a construção de identidade de gênero por meio dos valores e normas pertencentes a um determinado contexto de uma sociedade.

Para Lauretis (1994, p. 212),

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





As concepções de masculino e feminino, nas quais todos os seres humanos são classificados, formam em cada cultura, um sistema de gênero, um sistema simbólico ou um sistema de significações que relaciona o sexo a conteúdos culturais de acordo com valores e hierarquias sociais.

Ao longo da história da sociedade ocidental, foi definida como a norma de referência ideal, a ser aceita por todos os homens heterossexual, de cor branca, cristão e de classe média. Os que se encaixassem em outro perfil seriam então “marcados” e denominados a partir desta referência (LOURO, 2000).

A autora ainda explica que,

Através de processos culturais, definimos o que é — ou não — natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros — feminino ou masculino — nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com as marcas dessa cultura. As possibilidades da sexualidade — das formas de expressar os desejos e prazeres — também são sempre socialmente estabelecidas e codificadas. As identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. (LOURO, 2000, p. 6)

O termo “gênero” é, na verdade, a representação de uma relação, a relação de pertencer a uma classe, um grupo, uma categoria. Gênero é a representação de uma relação (...) o gênero constrói uma relação entre uma entidade e outras entidades previamente constituídas como uma classe, uma relação de pertencer(...). Assim gênero representa não um indivíduo e sim uma relação, uma relação social; em outras palavras, representa um indivíduo por meio de uma classe (LAURETIS, 1994, p. 210)

A identidade humana é ancorada por uma referência que se faz ao corpo do indivíduo. Este corpo é inequívoco, e em conseqüência espera-se que dite a identidade, sem ambigüidades ou inconstâncias. Sugestiona-se e se deduz uma identidade de gênero, sexual étnica de “marcas” biológicas, podendo ser esta uma dedução muito equivocada. Muitas vezes os corpos recebem o significado conforme a cultura, sendo este significado continuamente também alterado por ela. É preciso que se questione como essas características receberam seus significados e se tornaram uma “marca” que define a identidade humana, bem como também que significados nesse momento e nessa cultura estão sendo atribuídos a tal marca ou a tal aparência. Com isso tudo os desejos e as necessidades de alguém podem estar

Realização:



Apoio:



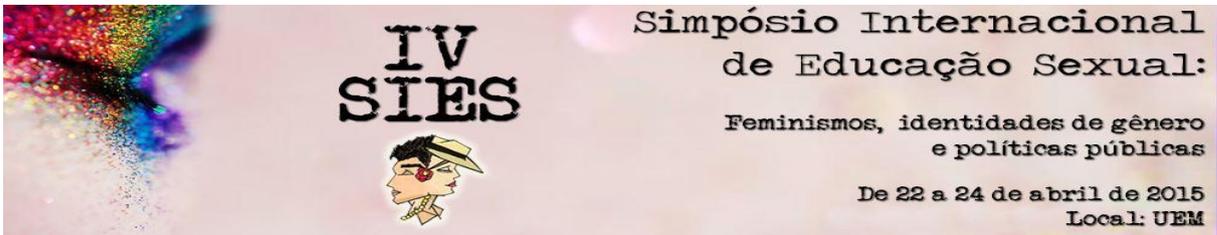
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



em discordância com a aparência que possui o seu corpo, pois “Treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam”. (LOURO, 2000, p. 08)

Para Silva (1998), alguns grupos sociais fazem uso de representações com o intuito de mascarar sua identidade e a identidade de outros grupos sociais, a fim de reforçar suas relações de poder.

As identidades culturais são constituídas a partir das diferentes formas como grupos sociais se reconhecem entre si. Ou seja, as identidades culturais não são dadas a priori, não são preexistentes aos sujeitos, elas se constituem no processo de representação de um grupo, sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado. A questão das identidades emerge em meio a processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças. Emerge quando grupos sociais não se reconhecem como iguais. (SABAT, 2001, p. 16)

Assim como a formação da identidade cultural de um grupo social, a identidade sexual dos membros deste grupo também necessita de atenção, pois também se constrói a partir daquilo que é comum em uma sociedade.

As formas de exercer a sexualidade precisam ser discutidas como construções sociais que resultam de um conjunto de regras traçadas para a organização social de um determinado grupo e que como tal estão atravessadas por relações de poder. Tais relações constroem modelos de comportamento que devem ser aceitos ou que são recusados por sua “ausência de normalidade” e dessa forma desafiam as representações dominantes. (SABAT, 2001, p. 16)

Há ainda nos dias atuais o machismo predominante nas instituições familiares, nos valores, nas concepções de poder, na divisão dos comportamentos, nas cores e na distribuição dos brinquedos às crianças. O autor denomina de patriarcalismo estratificado, existente em todos os segmentos de nossa cultura. A estrutura familiar patriarcal reforça o machismo desde o princípio da vida. Educa o menino para exibir seu sexo, gostar dele, ostentá-lo orgulhosamente, um nítido narcisismo fálico. Quanto à menina prega-se o contrário, devendo então esconder seu sexo, mantê-lo misterioso, a não ter uma relação afetiva com sua identidade sexual. No primeiro caso, o modelo estimula e incentiva toda expressão sexual; já no outro, impera o domínio, a reclusão e a repressão. (NUNES, 2002)

Ao homem heterossexual são atribuídas características que, quando não usuais, põem em xeque sua masculinidade ou feminilidade, tendo assim sua sexualidade indagada. Essa questão torna-se motivo de preconceito social devido a maneira

Realização:



Apoio:

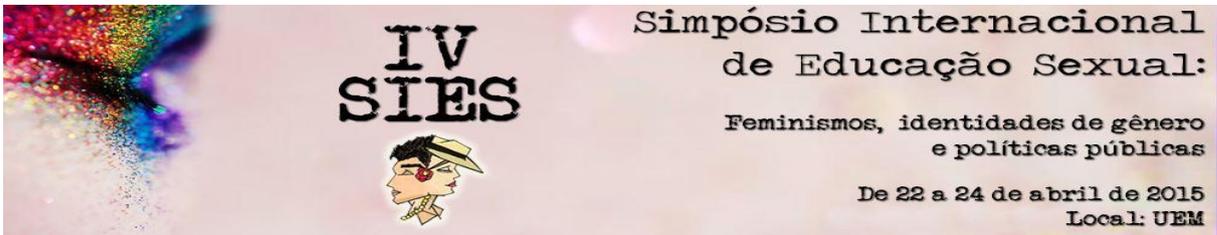


DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:





como a maioria das pessoas julga que o outro deva ser, comportar-se ou vestir-se, acreditando que uma sociedade deva ser composta de membros heterossexuais para preencher os requisitos impostos pela cultura religiosa ou ainda pelo entendimento que se tem a respeito do que é a moral.

“A rearticulação do significante “homossexualidade” exige que a heterossexualidade seja desvinculada dos discursos da naturalidade e dos discursos da moralidade. A heterossexualidade deve ser vista como uma possibilidade entre muitas”. (BRITZMAN, 1996, p. 83).

Se os estereótipos já prontos não forem questionados nunca haverá uma reeducação sexual, pois as correntes do sistema convencional construiram um apelo irresistível para que se repitam as mesmas estruturas machistas e repressoras. Dessa forma, acabamos repetindo a matriz que se dá no nível da macroestrutura social em que prevalecem o poder, a dominação, a violência e expropriação (NUNES, 2002).

Diante do exposto, este artigo vai em direção à apresentar quais os ditames e imposições relacionados à definição do gênero e da sexualidade humana, na busca de compreender também como isso se releva em tempos contemporâneos.

Tem por seu objetivo principal estudar qual a repercussão na vida dos alunos de hoje e, adultos de amanhã, que podem desencadear processos discriminatórios investidos contra a diversidade sexual no ambiente educacional. Como objetivo específico é possível apresentar: o estudo profundo de onde são originadas as normatizações e ditames sobre o que se considera “normal” quanto ao gênero sexual humano; como está sendo a exposição da opinião social sobre essas “normas de conduta” em nossa realidade contemporânea e; qual é a posição que a escola deve tomar diante a essa nova realidade comportamental de seus educandos que integram nossa sociedade.

O desenvolvimento do presente artigo foi fundamentado teoricamente em uma pesquisa bibliográfica com leitura de livros e artigos publicados que exploraram com profundidade o tema discorrido, na busca de respostas a todos os objetivos expostos.

A DIVERSIDADE SEXUAL E A ESCOLA

A construção do gênero e da sexualidade se dá por meio de infinitas aprendizagens e práticas acontecem nas mais diversas situações, é empreendida de modo

Realização:



Apoio:



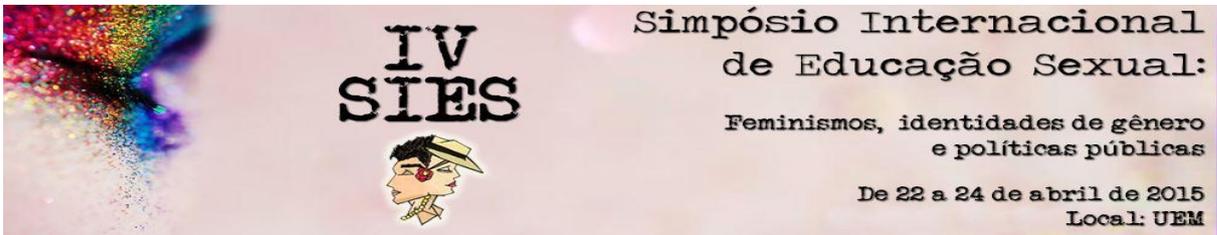
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instâncias sociais e culturais. Também se trata de um processo minucioso, sutil, sempre inacabado e contínuo. A família, a escola, a igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes durante esse processo constitutivo (LOURO, 1997).

A escola tem como seu principal desafio tornar o ambiente escolar um meio que favoreça o aprendizado, deixando de ser apenas um ponto de encontro e passando a ser, além disso, um encontro com o saber e com novas descobertas, de forma prazerosa e funcional, pois é

A escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, procedimentos, atitudes, e valores) que, aliás, deve acontecer de maneira contextualizada desenvolvendo nos discentes a capacidade de tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. (COSTA, 2011, p.06)

Aparentemente não tratar do assunto homossexualismo no ambiente escolar resulta da inconveniência de estar se criando condições para que tal tema seja abordado. No entanto, uma educação voltada para a cidadania provavelmente exigiria a elaboração de currículos mais abrangentes e o ensino de valores e práticas sociais acolhedoras (JUNQUEIRA, 2009).

Dessa forma não deve ser considerada efetiva uma formação na qual a realidade existente fora da escola seja ignorada dentro de seus portões. É preciso que o homossexualismo receba da escola o mesmo nível de atenção comparado a relevância do assunto, como uma realidade existente, além da percepção e respeito que se deve ter para com os alunos homoafetivos (COSTA, 2011).

Diante a suposição da inexistência de gays e lésbicas dentro da escola, Junqueira (2009) indaga quatro simples questionamentos: que qualidade haveria uma educação que estudasse apenas aquilo que supostamente tem-se diante de nós? Para qual mundo esses estudantes estariam sendo preparados? Se deve-se apresentar a eles apenas assuntos de realidade imediata, porque são tratados em salas de aula os esquimós, sereias ou a Atlântida por exemplo? Será que nesse modelo escolar onde homoafetivos são “invisíveis”, tem-se um ambiente seguro para que sujeitos sexualmente dissidentes afirmem-se publicamente enquanto tais? (JUNQUEIRA, 2009)

Para Louro (2000), a escola é

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



[...] sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 2000, p. 30).

Junqueira (2009) preconiza que interessante é o fato de que alegar a inexistência do outro não impossibilita que contra ele sejam elaborados mecanismos discriminatórios, geradores de ambientes desfavoráveis a visualização da alteridade, mas sim que sustentam uma atmosfera de condenação moral com uma ameaça sobre todos.

A existência da heteronormatividade e das normas de gênero como moldes sociais, o peso da homofobia grava sobre os ombros de todos. “Nas instituições de ensino, a homofobia deseduca e afeta a formação de todas as pessoas. O prejuízo é geral, embora alguns sejam chamados a pagar uma conta bem mais alta” (JUNQUEIRA, 2009, p. 183).

Para Louro (1997, 2008), o papel que a escola desempenha é extremamente importante na construção das identidades de gênero e das identidades sexuais, pois, como participante de uma sociedade que discrimina, produz e reproduz desigualdades de gênero, de raça, de etnia, bem como é constituída em um espaço generificado.

A escola dificilmente irá sozinha preparar-se para o reconhecimento da diversidade sexual. O futuro é adiado e mantém-se a espera que tudo se organize conforme o tempo natural das coisas. É preciso estabelecer novas alianças, já que evidentemente a temática da promoção do reconhecimento da diversidade sexual e da problematização do sexismo, bem como da homofobia, costuma ser, sistematicamente, um assunto a ser tratado em último caso (JUNQUEIRA, 2009).

Assim, a instauração de práticas subversivas, questionamentos e problematização das ordens de gênero instauradas, podem talvez “contribuir para perturbar certezas, para ensinar a crítica e a autocrítica [...], para desalojar as hierarquias” (LOURO, 1997, p. 124).

É necessário que sejam explicitadas novas formas de relação entre os sexos dentro de novas formas de relações sociais. Chega então o momento de educarmos sujeitos de si, capazes de reconhecerem-se como tal diante da responsabilidade de

Realização:



Apoio:



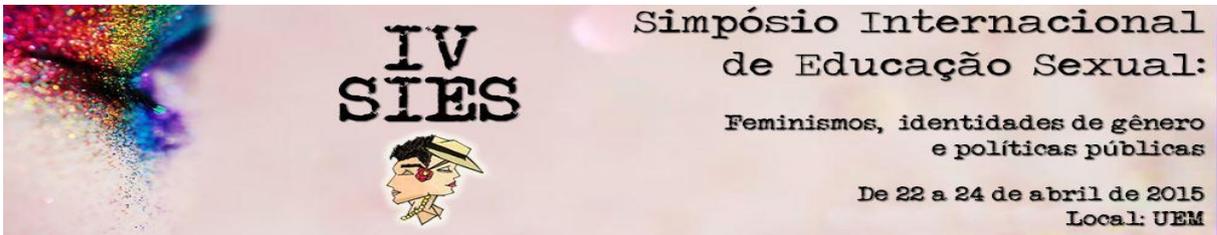
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



sua existência e dos conflitos sociais cuja realidade participa sem opção (NUNES, 2002).

É também preciso direcionar atenção para as práticas e elementos de nosso cotidiano que, despercebidamente, expressam e reforçam concepções cristalizadas acerca das relações que se estabelecem dentro e fora da escola. Se nos dispusermos a potencializar a escola como um espaço de construção da igualdade, nossos questionamentos e reflexões serão seguidos de ações que expressem a luta por uma sociedade onde homens e mulheres possam expressar os seus corpos e com os seus corpos; possam usar a imaginação e a criatividade, exercitando-se nas múltiplas e diferentes relações e experiências que decidirem ter, sem mais estarem circunscritos em um campo de gênero masculino ou feminino (AUAD, 2010).

É importante que o educador, uma vez que este representa a responsabilidade de reproduzir e sustentar as formas de dominação, ao propor reflexões sobre as questões de gênero no ambiente escolar, possua conhecimentos sobre o meio em que o sujeito aprendente vive – seu lugar afetivo. Além do aspecto psicopedagógico e do ambiente escolar, é preciso respeitar o universo que o educando traz para a sala de aula – universo este que foi e está sendo constantemente sedimentado. É preciso que se respeite a realidade sociocultural do aluno e os seus ritmos de desenvolvimento. Cabe também ao professor propor intervenções de situações de aprendizagens capazes de suscitar a reflexão dos alunos no sentido de desconstruir os discursos hegemônicos acerca dos sexos e dos gêneros (JAKIMIU, 2011).

CONCLUSÃO

As concepções que definem e normatizam os gêneros masculino e feminino classificam todos os seres humanos, e são formadas dentro de cada cultura, como um sistema de gênero, um sistema simbólico ou ainda um sistema de significados que relaciona o sexo conforme os valores de uma sociedade e sua hierarquia social (LAURETIS, 1994).

Por muito tempo na história ocidental a referencia ideal de cidadão era o homem heterossexual, branco e cristão, sendo os demais marcados a partir destas características. Suas ações também eram determinadas a pela definição de seu gênero, o comportamento esperado do homem e da mulher é de fato orientado enquanto se constrói sua identidade, através de valores regidos por um determinado contexto aplicado em uma sociedade.

Realização:



Apoio:



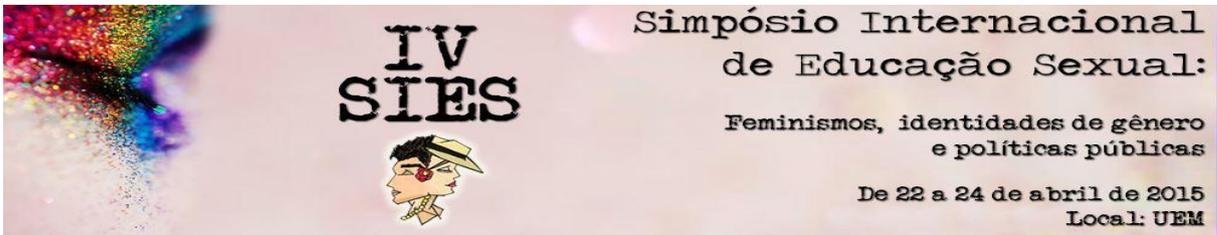
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



O gênero e a sexualidade em uma cultura são ensinados através dos discursos repetidos pela mídia comunicadora, pelas igrejas, pela ciência e por leis, bem como, mais contemporaneamente, por meio dos discursos e movimentos sociais também presentes nos múltiplos dispositivos tecnológicos. As muitas formas de experimentar prazeres e desejos, de dar e de receber afeto, de amar e de ser amado são ensaiadas e ensinadas na cultura e diferem de uma cultura à outra, de uma época ou de uma geração à outra. Hoje, mais do que nunca, essas formas foram multiplicadas e as possibilidades de viver os gêneros e sexualidades muito se ampliaram. Com o avanço das tecnologias reprodutivas, a transgressão de categorias e de fronteiras sexuais e de gênero, algumas antigas e sólidas certezas foram se desestabilizando. Modificaram-se as formas de gerar, nascer, crescer e amar. Relações afetivas e amorosas passaram a acontecer a distância, virtualmente, desprezando as dimensões de espaço, tempo, de gênero, raça ou classe social. Também nos dias de hoje se multiplicaram os modos de compreender, de dar sentido e mesmo de viver os gêneros e a sexualidade. A voz mais alta que ali se fizera ouvir até então, do homem branco e heterossexual, construiu representações sociais que tiveram importantes efeitos sobre muitos, que admitiam que as mulheres pertenciam ao segundo sexo ou ainda que gays, lésbicas, bissexuais eram sujeitos de sexualidades desviantes (LOURO, 2008).

Atualmente a sociedade é regulada por conselhos e ordens, controlada por mecanismos indigestos, sofre censuras. As proposições e os contornos delineados por múltiplas instâncias sociais nem sempre estão de acordo com as leis ou são autorizados, mas encontram-se espalhados por toda a parte constituindo-se muitas vezes como imbatíveis pedagogias culturais. Existem hoje aqueles responsáveis por nos dizer como vestir, andar, o que, quando e o quanto devemos comer, o que se deve fazer para conquistar e para manter a conquista de um parceiro ou parceira amoroso, como se deve apresentar na busca de um emprego ou vestir-se para ir à uma festa, como ficar de bem com a vida, como se mostrar sensual, como aparentar ter sucesso. Todos os conselhos massificados por uma mídia vendida, nos ensinando sobre saúde, comportamento, religião, amor, nos dizendo o que devemos preferir e o devemos recusar, nos ajudando a produzir nossos corpos e estilos, nossos modos de ser e modos de viver. Muitas dessas orientações surgem de campos consagrados e reconhecidos por sua autoridade, como o da medicina, da família, da justiça e da religião. Já outros surgem dos novos espaços, sem uniformidade em suas diretrizes (LOURO, 2008).

No ambiente escolar é preciso que esse novo modo de se viver a sexualidade seja percebido e compreendido, para que seus membros não sejam alvo de discriminação ou tenham seu futuro prejudicado por falta de entendimento ou desrespeito às escolhas particulares de cada um. É fundamental que sejam explicitadas as novas formas de relação entre os sexos que compõem também as novas formas de relações sociais. É preciso educar os sujeitos para que se tornem capazes de se reconhecerem como sujeitos responsáveis por sua existência e

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



viventes em meio aos conflitos sociais da realidade que participam (NUNES, 2002).

É imensa a necessidade de investimentos para que se transformem os modos de produção e reprodução de sistemas de crenças como a reiteração de correlações de forças extremamente opressivas que se dirigem aos sujeitos sexualmente dissidentes. É preciso que seja cada vez mais enfatizada a afirmação que, por a heteronormatividade e as normas de gênero estarem na ordem das coisas, o peso da homofobia grava sobre os ombros de muitos.

REFERÊNCIAS

AUAD, Daniela. **Formação de Professoras, Relações de Gênero e Sexualidade: Um Caminho para a Construção da Igualdade.** Centro Acadêmico Professor Paulo Freire.

BRITZMAN, Deborah P. **O que é esta coisa chamada amor?** Identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade, Porto Alegre. 1996.p. 83.

CARLOTO, Cássia Maria. **O Conceito de Gênero e sua Importância para a Análise das Relações Sociais.** Serviço Social em Revista. Londrina, vol. 3, n.º 2, p. 201-213, jan./jun. 2000.

COSTA , Vera Lúcia Pereira. **Função Social Da Escola.** Curitiba – PR. 2011

JAKIMIU, Vanessa Campos de Lara. **A construção dos papéis de gênero no ambiente**

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Aqui não temos gays nem lésbicas: estratégias discursivas de agentes públicos ante medidas de promoção do reconhecimento da diversidade sexual nas escolas. **Bagoas**, n. 04, p. 171-190.

LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero.** Rio de Janeiro: Rocco,1994. Não tenho LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós estruturalista.** Vozes, Petrópolis – RJ, 1997.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



_____, Guacira Lopes. **Gênero e Sexualidade: Pedagogias contemporâneas.** Vol. 19. 2ª Ed, 2008.

_____, Guacira Lopes. **O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade.** 2ª Ed. Autêntica. Belo Horizonte. 2000.

NUNES, C. A. **Desvendando a Sexualidade.** Campinas, SP: Papyrus, 2002.

SABAT, Ruth. **Pedagogia Cultural, Gênero e Sexualidade.** Estudos Feministas. Artigos, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. **A poética e a política do currículo como representação.** Trabalho apresentado no GT Currículo na 21ª Reunião Anual da ANPED, 1998.

JUNQUEIRA, Rogério. **O reconhecimento da diversidade sexual e a problematização da homofobia no contexto escolar.** In: SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE: discutindo práticas educativas, 3., Rio Grande do. Anais...Rio Grande, RS: Ed. da FURG, pp. 59-68, 2007a.

ABSTRACT

SEXUAL IDENTITY AND DIVERSITY OF EVENTS IN SCHOOL FIELD

Multiculturalism is a theme which occupies more prominence in discussions of a society such as Brazil, organized and structured by diversity, among them the issues of gender, identity and sexual diversity. The promotion of culture of recognition of sexual diversity, gender and identity should be seen as a right and not as a concession to a single social class. This study takes place in order to expose aspects and variations that make up the genre, from its formation to the construction of identity, as well as its manifestations in schools. Come here several questions of how the meanings of gender and identity were becoming the discrepant brand of many individuals in our society, given that many of their wants and needs while being individual finds themselves outmatched appearance that has your body . With regard to the school environment, gender diversity needs a watchful eye because the role the school plays directly affects the construction of identities since, as part of a discriminating society, is able to produce and reproduce gender inequalities and

Realização:



Apoio:



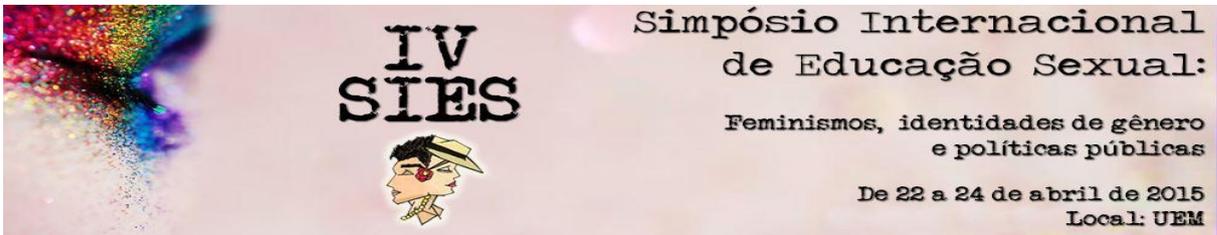
DTP Departamento de Teoria e Prática da Educação



Patrocínio:



PlayBook



identity. The school as a promoter of knowledge enables the construction of equality, where men and women are free to express itself what often the shell can not.

Keywords: Sexuality; Gender; Identity; Education; School.

Realização:



Apoio:



DTP Departamento de
Teoria e Prática
da Educação



Patrocínio:



PlayBook